

## **ANÁLISE DO STATUS FONOLÓGICO DAS CONSOANTES RÓTICAS, LATERAIS E NASAIS DUPLAS DO PORTUGUÊS ARCAICO**

**ANALYSIS OF THE PHONOLOGICAL STATUS OF DOUBLE RHOTIC,  
LATERAL AND NASAL CONSONANTS IN ANCIENT PORTUGUESE**

Débora Aparecida dos Reis Justo Barreto | [Lattes](#) | [debi\\_barreto@hotmail.com](mailto:debi_barreto@hotmail.com)  
Universidade Estadual Paulista

Gladis Massini-Cagliari | [Lattes](#) | [gladis.massini-cagliari@unesp.br](mailto:gladis.massini-cagliari@unesp.br)  
Universidade Estadual Paulista

**Resumo:** A finalidade deste artigo é a de estudar os fenômenos fonológicos do português dos trovadores, analisando especificamente as consoantes róticas, laterais e nasais duplas, retratadas na escrita como <rr>, <ll/lh> e <nn/nh>, existentes em 250 cantigas medievais – 100 da vertente religiosa e 150 da vertente profana. Nossa objetivo é o de averiguar se, no nível fonológico, tais consoantes duplas podiam ser interpretadas como geminadas em contexto intervocálico naquela época da história da língua portuguesa. A análise dos dados coletados foi desenvolvida por meio das teorias fonológicas não-lineares. A metodologia se embasa na análise das variações gráficas, muito frequentes nos documentos remanescentes daquele período, e no estudo do comportamento fonológico das referidas consoantes dentro da sílaba e da palavra. Os dados coletados retrataram que, em posição intervocálica, róticas, laterais e nasais duplas apresentavam o mesmo *status* no período arcaico, ou seja, podiam ser interpretadas como geminadas do ponto de vista fonológico da língua, pois compreendem elementos que valem por dois. Tal interpretação pode ser validada em decorrência de não termos encontrado ditongos antes de tais segmentos duplos nem palavras proparoxítonas com <rr>, <ll/lh> e <nn/nh> no ataque da última ou da penúltima sílaba.

**Palavras-chave:** Consoantes duplas; Rótica; Lateral; Nasal; Português arcaico.

**Abstract:** This article aims to study phonological phenomena from medieval troubadours' Portuguese, specifically analysing double rhotic, lateral and nasal consonants, graphically represented by <rr>, <ll/lh> and <nn/nh>. This study considers 250 medieval cantigas – 100 religious and 100 secular ones. Our goal is to verify whether these double

consonants could be interpreted as geminate in phonological level, in intervocalic context, at that historical period. The analysis of the selected data is based on non-linear phonological theories. The methodology is based on the analysis of graphic variations and in the study of the phonological behaviour of these kind of consonants inside the syllable and word-internally. Data show that, between vowels, double rhotic, lateral and nasal consonants present the same status in Ancient Portuguese, that is, they can be interpreted as geminate in phonological level, because they correspond to elements that “count” as two. This interpretation could be validated since we could not find diphthongs before these double segments and proparoxytone words with <rr>, <ll/lh> and <nn/nh> in the onset of the last or penultimate syllable.

**Keywords:** Double consonants; Rhotics; Laterals; Nasals; Ancient Portuguese.

### **Introdução e objetivo**

Este artigo foi feito em homenagem a Ataliba Teixeira de Castilho, o maior congregador entre os linguistas brasileiros<sup>1</sup>, tendo coordenado grandes projetos coletivos, como o Gramática do Português Falado (Castilho, 2003) e o Para a História do Português Brasileiro (PHPB), ao qual esteve ligada uma das coautoras deste trabalho (Massini-Cagliari, 2019). Neste último projeto, uma das características marcantes da pesquisa desenvolvida no contexto do grupo encarregado da investigação da mudança fônica (Hora, Battisti e Monaretto, 2019) era o equilíbrio entre, por um lado, a confiança advinda das edições de documentos históricos realizadas a partir de um acurado trabalho filológico e, por outro, a busca de novas metodologias, embasadas em teorias fonológicas mais recentes, que permitissem avançar além dos conhecimentos advindos dos estudos de gramática histórica de tradição filológica. Este era o espírito passado pelo Professor Ataliba, nas suas aulas de sintaxe na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em que uma das autoras iniciou seu mergulho na pesquisa histórica, tendo enveredado por outros caminhos, que a levaram, e também à outra coautora, à investigação das origens da Fonologia do Português, no período medieval de sua formação.

Trazendo um novo olhar metodológico (Massini-Cagliari, 2013) aos estudos medievais, mas ao mesmo tempo partindo do imenso respeito ao cuidado filológico, este

<sup>1</sup> Na entrevista que concedeu a Carlos Fioravanti (2017), para a *Revista Fapesp*, sobre a necessidade de realização de grandes projetos sobre a língua portuguesa, Castilho afirma: “O estudo de uma língua tem de ser feito em grupo. Esse é o corolário do Nurc, da Gramática do Português Falado e do Projeto para a História do Português Brasileiro, que também estimula a convivência de gente com visões diferentes, abrigando sociolinguistas, gerativistas, funcionalistas e cognitivistas. [...] Eu respeito o pensamento diferente. E ao respeitar você junta as pessoas. Ninguém quer ficar levando lambada dos outros. Ciência não existe para isso, mas para unir as pessoas na descoberta do conhecimento.”

artigo visa sumarizar a análise empreendida pelas pesquisadoras acerca do processo de geminação das consoantes duplas do Português Arcaico (PA). Ao longo dos anos, foram feitos, separadamente, estudos acerca de três consoantes duplicadas<sup>2</sup> daquele período da história: *rr*, *ll/lh* e *nn/nh*<sup>3</sup>. Esses segmentos apresentam similaridades relevantes quando preenchem o ambiente intervocálico da palavra no português arcaico<sup>4</sup>.

Assim, este estudo propõe uma comparação com relação às três consoantes duplas acima expressas acerca do *status fonológico* desses segmentos da língua do medieval quando estão em posição intervocálica. Convém ressaltar que este estudo faz uso de dados da escrita para analisar aspectos fonológicos do período ora focalizado, tendo em vista que a etapa arcaica do português não apresentava, obviamente, tecnologia voltada à gravação e à transmissão de produções orais. Assim, o único modo de conseguir extrair pistas prosódicas a respeito daquela língua é por meio da análise da estrutura métrica de poemas, obrigatoriamente baseada nas características rítmicas do falar que a ela oferece suporte<sup>5</sup>.

Por isso, para a concretização deste trabalho, foram selecionadas 250 cantigas medievais galego-portuguesas: as 100 primeiras *Cantigas de Santa Maria* (CSM), da vertente religiosa, e 150 poemas profanos, 50 de cada gênero canônico<sup>6</sup>. O uso de obras poéticas, como já dito, é de vital importância para a elaboração deste estudo, pois a escrita do PA era de base alfabetica, isto é, os documentos remanescentes daquela época não expressavam uma notação especial para os fenômenos prosódicos da língua. Logo, um estudo de natureza fonética/fonológica por meio de textos em prosa é praticamente impossível.

<sup>2</sup> As análises não incluíram <ss> porque não há dúvidas de que o dobro da letra é um fenômeno apenas gráfico, não havendo possibilidade de esse grafema representar uma consoante fonologicamente dupla.

<sup>3</sup> As escritas *nn* e *ll* aparecem nos cancioneiros contemporâneos aos trovadores; já as escritas *nh* e *lh* aparecem nos cancioneiros copiados em períodos posteriores. Segundo Williams (1975 [1938], p. 36), no início da história escrita do português, a nasal palatal [ɲ] apresentava diferentes representações na escrita, como <n>, <ni> e <nn>, por não haver correlato gráfico no alfabeto latino para a nasal palatal, pois esta é um som inovador do português. O mesmo pode ser apurado em relação à lateral palatal [ʎ], que também apresentava distintas representações, como <l>, <li> e <ll>. A grafia <nn> veio, através da Galícia, da Espanha. Conforme o estudioso, a primeira ocorrência de *nh* data de meados dos anos 1263/1273. A teoria aceita pelos pesquisadores para a origem das formas gráficas <nh> e <lh> é a de que tais grafias foram emprestadas do provençal. Entretanto, não há uma unanimidade com relação às razões que motivaram tal empréstimo.

<sup>4</sup> Usaremos tal expressão, comumente referida em outros estudos como “galego-português”, para nos referir ao ancestral medieval do Português falado no Brasil (PB), em homenagem a Mattos e Silva (1989).

<sup>5</sup> Vários estudos realizados na área de Fonologia não-linear, como Prince (1989), Halle (1989), Hayes (1989), entre outros, provaram que um estudo voltado à Fonologia a partir de obras elaboradas no passado é realizável e possível, sobretudo quando se desenvolve uma descrição em um nível *mais abstrato*, ou seja, mais fonológico e não fonético.

<sup>6</sup> *Cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer*. Os critérios usados para selecionar os poemas profanos se fundamentam em Massini-Cagliari (2015) e são três: 1) representatividade (escolhendo textos de autores de épocas diferentes); 2) local; e 3) classe social.

Composições poéticas, por outro lado, caracterizam-se por conter elementos segmentais (lugar dos acentos nos versos, número de sílabas poéticas etc.), informações por meio das quais é possível depreender padrões e reincidências acentuais e rítmicas da língua medieval (Massini-Cagliari, 2015).

O *status fonológico* das consoantes duplas *rr*, *ll/lh* e *nn/nh* sempre foi uma questão muito controversa na literatura, não somente hoje em dia, mas também em períodos anteriores ao atual. Sobre as róticas, o que se encontra em textos da área é o registro de duas interpretações: a língua portuguesa tem dois fonemas róticos, um fraco e um forte; ou o português conta com um fonema rótico que, para uns, é o r-forte e, para outros, o r-fraco. No entanto, para o PA, como exibiremos neste trabalho, o que se tem é um único fonema rótico com duas variantes, uma simples, grafada como *<r>* e *<rr>*, que pode aparecer em diferentes posições dentro da palavra, e uma geminada no contexto intervocálico, representada na escrita como *<rr>* (Barreto, 2019).

Já acerca das palatais *ll/lh* e *nn/nh*, inovações do português, uma vez que esses elementos não existiam no latim (Câmara Jr., 1975), tem-se que tais consoantes, quando intervocálicas, se comportam da mesma maneira que a rótica dupla, isto é, podem ser interpretadas, na perspectiva fonológica, como segmentos geminados no PA, pois valem por dois na estrutura silábica interna daquela época da história da língua (Barreto, 2023). A complexidade de tais consoantes também foi constatada por Wetzels (2000) no que diz respeito ao Português Brasileiro (PB).

Este artigo, portanto, pretende sumarizar e entender como se constitui o quadro de consoantes duplas geminadas do PA. As consoantes róticas, laterais e nasais dobradas do PA<sup>7</sup> exibem alguns traços comuns quando ocupam a posição intervocálica do termo e têm o mesmo comportamento fonológico desse ambiente específico da palavra. Por meio dos dados coletados diretamente dos cancioneiros arcaicos, este estudo visa demonstrar o caráter complexo desses segmentos e expor as conclusões às quais chegamos após tantos anos de estudo.

## **1. Corpus poético e variação gráfica no PA**

Como exposto, selecionamos 250 textos medievais galego-portugueses para a realização deste artigo, 100 da vertente religiosa e 150 da linha profana. As CSM foram escritas na segunda metade do século XIII pelo rei de Leão e Castela, Dom Afonso X. A edição

<sup>7</sup> Cabe dizer que este artigo não visa à construção de uma análise diacrônica da língua, pois focaliza somente o PA trovadoresco. Trata-se, assim, de uma caracterização sincrônica de um momento do passado (Mattos e Silva, 1989).

geral feita por Mettmann (1986) tem 427 cantigas em louvor da Virgem Maria, sendo que sete das 427 são poemas repetidos (Leão, 2007; Massini-Cagliari, 2015). Segundo Leão (2002), as CSM retratam um panorama da vida religiosa do povo da Península Ibérica, visto que narram os hábitos do período, as doenças, os jogos, as profissões etc. Essas obras foram escritas para serem cantadas, a fim de entreter um público seletivo, possivelmente constituído por cortesãos.

Parkinson (1998), seguido por Mongelli (2009) e XX (2015), pontua que as CSM se localizam em quatro códices e representam um processo de ampliação e de evolução, pois, inicialmente, a quantidade de poemas feitos foi a de 100 (pertencentes ao códice Toledo, To). A partir daí, as cantigas juntas compuseram um cancioneiro e passaram a ser organizadas como tal, isto é, adquiriram números, títulos e índice. O To é, pois, o mais antigo dos códices, além de ser o menor. O códice Rico (T) é o segundo a ser elaborado em virtude do desejo do rei de ampliar o códice inicial. É tido como o mais abundante em conteúdo artístico. O códice Florença (F), por sua vez, é uma cópia e constitui com o códice T o que ficou conhecido como *Códices das histórias*. Por fim, o códice Escorial Músicos (E) é o mais completo dos códices e é visto como uma cópia menos decorada do T.

A vertente profana da lírica medieval galego-portuguesa é bastante expressiva. Massini-Cagliari (2007) ressalta que o conjunto de textos profanos é formado por mais de 1.700 cantigas, cuja autoria cabe a cerca de 160 trovadores. Essa quantidade de poesias, no entanto, é apenas o que conseguiu sobreviver até os dias atuais. Acredita-se que a produção daquele momento tenha sido extremamente maior. Assim, o que se conservou da produção profana são oito testemunhos datados entre o final do século XIII e o século XVI.

Os cantares profanos dividem-se em três gêneros canônicos: *cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer*. Tais obras englobam diferentes épocas, localidades, categorias sociais, nacionalidades e temáticas, o que demonstra sua importância e representatividade. As obras que sobreviveram até hoje se encontram em três grandes cancioneiros e em cinco folhas avulsas em que há uma ou mais cantigas.

O primeiro dos cancioneiros profanos é o Cancioneiro da Ajuda (CA), datado do fim do século XIII e começo do século XIV. É o manuscrito mais contemporâneo aos trovadores, detém apenas *cantigas de amor* e é o único de origem ibérica (Massini-Cagliari, 2007). O segundo dos cancioneiros profanos é o Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (CBN). Tal códice é o único testemunho de aproximadamente 250 poemas, o que

faz com que ele seja o mais completo dos três cancioneiros, com, em média, 1.560 cantigas de mais de 150 trovadores. O terceiro dos cancioneiros é o Cancioneiro da Vaticana (CV), considerado como o irmão do CBN, pois ambos partilham um grande número de obras em comum. O CBN e o CV têm cantigas dos três gêneros. Ademais, os dois são cópias realizadas na Itália na primeira metade do século XVI.

Sobre a língua da época trovadoresca, que se situa entre os séculos XIII e XV (Mattos e Silva, 2006), é necessário dizer que o PA ainda não apresentava uma ortografia padrão instituída por lei, o que fazia com que a variação gráfica dominasse a documentação escrita daquela etapa, que sofria flutuação não apenas na grafia, mas também na morfologia e na sintaxe.

Segundo Mattos e Silva (2006), as variações presentes nos textos da Idade Média podem ser tidas como indicadores das mudanças que vieram a acontecer e que, a partir da padronização, passaram a ser suprimidas pelos materiais escritos, visto que somente uma parte das variantes usadas é de fato eleita para integrar o sistema ortográfico da língua. Logo, a padronização da grafia eliminou toda a diversidade de grafias existente no PA.

A falta de um padrão ortográfico naquela época fazia com que uma mesma palavra fosse, como mostraremos neste artigo, representada de diferentes formas. Tal diversidade de grafias é uma das características mais marcantes do português medieval. Uma mesma palavra era grafada de maneiras distintas, inclusive, dentro de um mesmo cantar, o que mostra que a alternância gráfica era uma atitude comum, empreendida inclusive pelo mesmo poeta dentro de uma mesma poesia. Às vezes, a variação escrita englobava um termo que aparecia mais de uma vez no interior da mesma estrofe, por exemplo.

Faraco (2008) pondera que o perfil da comunidade feudal derivou, em matéria de língua, em uma vasta diversificação. Em resposta ao variado mapa linguístico daquele período, emergiu um projeto padronizador, que visava instituir uma norma gráfica, eliminando, assim, as variações na representação da escrita. Mattos e Silva (2006) salienta que a inexistência de uma padronização ortográfica em PA pode refletir certas maneiras de uso daquela língua no cotidiano medieval. Logo, ao investigar a variação gráfica da língua dos trovadores, é possível constatar o *uso primeiro* da língua arcaica, pois a existência de vestígios das vozes do passado pode fornecer uma percepção do que era produzido naquele período. Assim, a variação do PA espelha traços do oral no escrito, traços esses que foram apagados da representação gráfica quando se estabeleceu a ideia (errada) de que existe uma única forma *correta* de escrever (e de empregar a língua), que seria o conjunto de regras prescritas nas gramáticas (Bagno, 2003).

## 2. Metodologia

O método de estudo assumido neste artigo baseia-se na análise da representação da grafia das consoantes róticas, laterais e nasais duplas coletadas nas 250 poesias que compõem o *corpus* selecionado e no estudo do comportamento desses elementos em todas as posições em que estão no interior da sílaba e da palavra. Além disso, consideram-se a separação em sílabas poéticas e o posicionamento da palavra no verso, que dão indícios da realização fonética da silabação na época e da posição do acento, fatores bastante relevantes para a determinação da existência (ou não) de geminação fonológica.

Primeiramente, empreendeu-se a coleta de todas as palavras com as referidas consoantes duplas nos 250 cantares galego-portugueses. Essa primeira coleta foi feita por meio do emprego de edições atualizadas das composições poéticas, a fim de facilitar o entendimento das palavras, a ordenação dos dados e a compreensão dos textos. Isso posto, adotamos as edições de Mettmann (1986) para as cantigas religiosas e de Lopes e Ferreira et al. (2011-) para as profanas.

Segundamente, após feita a coleta de dados, realizou-se a conferência de todos os termos encontrados nas edições fac-similadas das poesias, que são a reprodução fotográfica dos códices originais. Como, para desenvolver esta pesquisa, nos valemos dos dados de variações na escrita, o uso do fac-símile se faz primordial, visto que é somente a partir dele que temos acesso ao que, de fato, foi escrito pelos escribas daquela época da história.

Terminado o referido mapeamento, as ocorrências coletadas no *corpus* foram analisadas qualitativamente com base nos modelos fonológicos não-lineares. Na análise, usou-se apenas o que foi encontrado nos fac-símiles, ou seja, as variações gráficas (diferentes representações de uma mesma palavra). Para a realização deste estudo, alguns pontos foram de vital importância, a saber:

- Gênero em que a ocorrência foi encontrada (isto é, se ela estava em uma CSM ou em uma cantiga profana). Tal fato é importante, porque a escrita dos cانcioneiros da vertente religiosa e o CA é mais antiga, o que faz com que estes guardem representações gráficas mais recuadas no tempo;
- Ambiente ocupado pela palavra dentro dos versos, pois termos podem aparecer grafados colados a outros que estão nas imediações, dados os padrões de segmentação adotados na época;
- Contexto da variação dentro da sílaba e da palavra;
- Segmentos antes e depois da variante, pois elementos que estão no entorno das

- consoantes focalizadas podem influenciar ou afetar seu comportamento. Por exemplo: inserção de outras letras na palavra ou troca de grafemas; e
- Frequência dos tipos de variações, porque um tipo recorrente de ocorrência pode indicar que dada grafia era adotada por diferentes escribas em mais de uma época.

Para este artigo, faz-se de grande importância, ademais, a verificação do comportamento dos segmentos duplos dentro da palavra, uma vez que o que há antes e após a consoante dobrada pode influenciar seu comportamento. Por exemplo, para se ter uma consoante do tipo geminada, que vale por duas, é necessário que ela esteja em ambiente intervocálico. Assim, cudas ocupadas antes de <rr>, <ll/lh> e <nn/nh> inviabilizam que tais elementos se portem como geminados; o mesmo pode ser observado quando ocorrem ditongos antes de consoantes duplas, o que também faz com que a coda da sílaba anterior não seja leve. Em outras palavras, para se ter uma consoante do tipo geminada, a coda da sílaba antecedente precisa estar vazia.

Como se vê, como a consoante do tipo geminada vale por duas, ela apresenta dois pontos de ancoragem na estrutura interna da sílaba, o que faz com que a coda da sílaba precedente deva estar vazia para poder abrigar parte desse segmento duplo. Portanto, para além das variações da grafia, o contexto em que a consoante dobrada aparece é um dos pontos determinantes para que, neste estudo, possamos determinar seu estatuto fonológico no PA.

### **3. Fundamentação teórica**

A fundamentação teórica desta pesquisa tem como alicerce os modelos fonológicos não-lineares, em especial dois desses modelos: métrico (Hayes, 1995) e autossegmental (Goldsmith, 1976). Na presente seção, retrataremos uma breve discussão acerca dos conceitos de sílaba e de geminação. Nossa objetivo não é o de esgotar tais reflexões, mas apresentar um panorama geral, tendo em vista o caráter sucinto deste artigo.

Embora existam modelos teóricos mais modernos na área de Fonologia, optamos por tal perspectiva teórica neste trabalho pelos novos modelos não apresentarem diferentes *insights* em relação à geminação. Portanto, mesmo se tratando de pesquisas elaboradas nas décadas de 80 e 90, as teorias fonológicas não-lineares são a melhor opção para este estudo.

Na Teoria Métrica, segundo os estudos de Selkirk (1982), os constituintes silábicos estão organizados de maneira hierárquica. Então, tem-se o ataque (A), também conhecido como *onset* (O), e a rima (R). A rima constitui-se por um núcleo (Nu) e por uma coda

(Co). O ataque silábico, para Câmara Jr. (1985 [1970]), é o ponto de aclive, o núcleo é o ápice e a coda é o declive. Assim sendo, o que se tem é um ponto de ascensão, um pico e um momento de perda de força.

De acordo com a teoria formulada por Selkirk (1982), qualquer posição, exceto o núcleo, pode ser vazia, isto é, ataque e coda são periféricos e opcionais. Ademais, há um relacionamento mais estreito entre a vogal do núcleo e a consoante da coda do que entre essa vogal e a consoante do ataque, já que que núcleo e coda preenchem juntos a rima da sílaba. O núcleo do PB é sempre uma vogal e não pode estar desocupado para que uma sílaba exista. Já ataque e coda são contextos em que há consoantes no PB, sendo que ambos podem ser simples, ramificados ou vazios.

Outra questão relevante para nós diz respeito ao peso silábico. Collischonn (2005) relata que sílabas pesadas são aquelas em que há mais de um elemento na rima, isto é, são sílabas que, necessariamente, têm rima ramificada. Já sílabas leves têm somente um segmento na rima, mais precisamente uma vogal no núcleo. As sílabas V e CV são, logo, leves. Para o peso da sílaba, o ataque não é relevante, ou seja, ataques ramificados, como *pl* e *br*, por exemplo, não fazem com que a sílaba seja pesada.

Hyman (1975) assume a unidade silábica como uma unidade de peso, denominada como mora, cujo símbolo é  $\mu$ . De acordo com essa proposta teórica, uma sílaba pesada tem duas moras e uma sílaba leve tem uma mora. Logo, sílabas CVV são sempre bimorais ou pesadas e sílabas CVC podem variar segundo a estrutura de cada língua, ou seja, falares que contam os segmentos apenas do núcleo a consideram monomoraica e os que contam os segmentos da rima a entendem como bimoraica (Massini-Cagliari, 1999). O máximo de moras que uma sílaba pode ter é duas, logo, mesmo que uma consoante esteja unida a sílabas CVC ou CVV, ela será integrada à última mora e não fornecerá mais peso à sílaba.

Um outro conceito importante para este estudo é um fenômeno conhecido como duração ou alongamento compensatório. Esse fenômeno fonológico consiste na permanência da duração de um dado segmento quando ele sofre supressão, isto é, quando uma regra fonológica ocasiona, por vários motivos, o apagamento de determinado elemento, a duração dele pode ser preservada e associada a um outro segmento que está nas imediações (Hogg; McCully, 1987).

Acerca da geminação, Goldsmith (1990) explica que, se duas consoantes iguais estão na posição intervocálica, elas pertencem a sílabas diferentes, isto é, um dos segmentos preenche a posição de coda da sílaba anterior enquanto o outro ocupa o ataque da sílaba

subsequente. Sobre o peso de tais consoantes, tem-se que elas têm uma mora, pois parte do elemento preenche a coda, travando a sílaba anterior, e parte preenche o ataque, contexto que não apresenta mora e, portanto, não fornece mais peso à sílaba (Perlmutter, 1995).

As geminadas têm duas propriedades fonológicas tidas como invioláveis para Cedeño e Morales-Front (1999): integridade e inalterabilidade. Logo, não é possível separar os elementos que compõem uma geminada por regras de epêntese e não é possível alterar uma parte sem que, necessariamente, se altere a outra. Consoantes geminadas, portanto, são um único elemento que vale por dois (Perlmutter, 1995), o que faz com que seja impossível inserir segmentos no interior dos segmentos duplos, que se mostram resistentes aos processos fonológicos que, por diferentes razões, poderiam se aplicar a eles.

#### 4. Levantamento e análise dos dados

Nas 250 cantigas que constituem nosso *corpus*, foram coletadas:

- 672 palavras grafadas com <rr>;
- 1.893 palavras grafadas com <ll/lh>; e
- 899 palavras grafadas com <nn/nh>.

Todos os dados de nasais duplas foram localizados no meio do termo. Contudo, o mesmo não foi apurado em relação aos casos de consoantes róticas e laterais dobradas. Das 672 palavras escritas com róticas duplas, 45 delas apresentavam <rr> no começo da palavra (627 no meio da palavra, portanto). Já das 1.893 palavras escritas com laterais duplas nas obras do medievo, 823 dados compreendem pronomes pessoais oblíquos/clíticos (*lle/lhe*, por exemplo), restando 1.070 ocorrências de laterais no interior da palavra.

No que diz respeito às róticas dobradas da língua arcaica, foram encontrados vários tipos de variação na amostragem analisada, no entanto, neste artigo, em virtude de seu caráter sucinto, nos deteremos em três tipos, a saber:

**Quadro 1 – Tipos de variação das róticas duplas do PA**

<b>Tipo de variação</b>	<b>Palavra sem variação</b>	<b>Palavra com variação</b>	<b>Cancioneiro com variação</b>	<b>Cancioneiro sem variação</b>
-------------------------	-----------------------------	-----------------------------	---------------------------------	---------------------------------

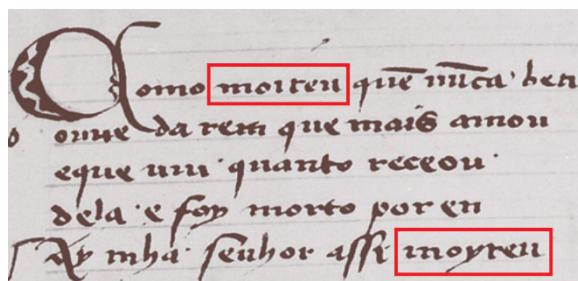
RR-IR-YR <sup>8</sup>	morrer	moireu/ moyreau <sup>9</sup>	CBN	CA
RR-LR	carreira	calreyra	CBN	CV
SR-RR	Israel	Israel	To/E	-

Fonte: elaboração própria.

Os tipos de variação gráfica apresentados no quadro 1 compreendem argumentos a favor da geminação das róticas duplas do PA, pois demonstram que tais consoantes eram interpretadas pelos escribas do momento trovadoresco como formadas por duas unidades. O conceito de peso silábico é imprescindível para o entendimento dessas variações, pois a troca de um elemento por outro, nos três dados, ocorreu na primeira parte da geminada, isto é, na consoante que ocupa a coda da sílaba anterior, local que contribui para o peso da sílaba e carrega uma mora.

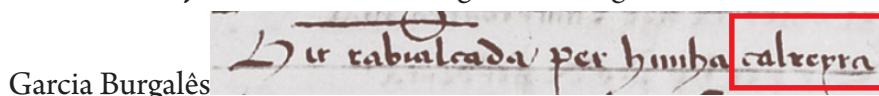
A seguir, exibimos um exemplo de cada tipo de variação retirado dos fac-símiles.

**Figura 1** – Dado *moireu/moyreu* – Trecho da cantiga *Como morreu quem nunca bem*, de Paio Soares de Taveirós



Fonte: Edição fac-similada do código da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p. 150).

**Figura 2** – Dado *calreyra* – Trecho da cantiga *Maria Negra vi eu, em outro dia*, de Pero

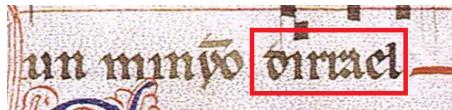


Fonte: Edição fac-similada do código da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p. 625).

<sup>8</sup> Foram encontrados vários dados da variação RR-IR-YR, entretanto, optamos por eleger apenas um exemplo para este estudo. Para mais informações sobre essa variação, consultar Barreto (2019).

<sup>9</sup> Nos cantares aqui analisados, a variação <i>/<y></i> aparecia com bastante frequência, uma vez que tais vogais eram alternadas na época por motivos estilísticos. Tais segmentos, assim, correspondiam ao mesmo som e não causavam, no PA, mudança no significado das palavras.

**Figura 3 – Dado d'Irrael – Trecho da CSM 4**



Fonte: Edição fac-similada do códice Toledo (2003, p. 12r).

Com relação ao primeiro tipo de variação (RR-IR-YR), o que se verifica é que, ao grafar, nos códices, <rr> como <ir/yr>, cria-se um ditongo na primeira sílaba da palavra (*oi/oy*). Assim, o que se tem é uma palavra, no caso *moireu/moyreu*, com dois ambientes ocupados na rima, um no núcleo e um na coda<sup>10</sup>, o que faz com que a primeira sílaba da palavra seja pesada, com coda preenchida. Como *morreu* e *moireu/moyreu* são variações de uma mesma palavra, é preciso que haja uma correspondência de peso entre essas representações gráficas. Para que isso se verifique nos casos da referida variação, <rr> precisa ser interpretado como um segmento geminado, uma vez que *mor* e *moi/moy* apresentariam o mesmo peso silábico, com <r> e a semivogal do ditongo (*i* ou *y*) ocupando a coda da primeira sílaba da palavra e tornando-a pesada.

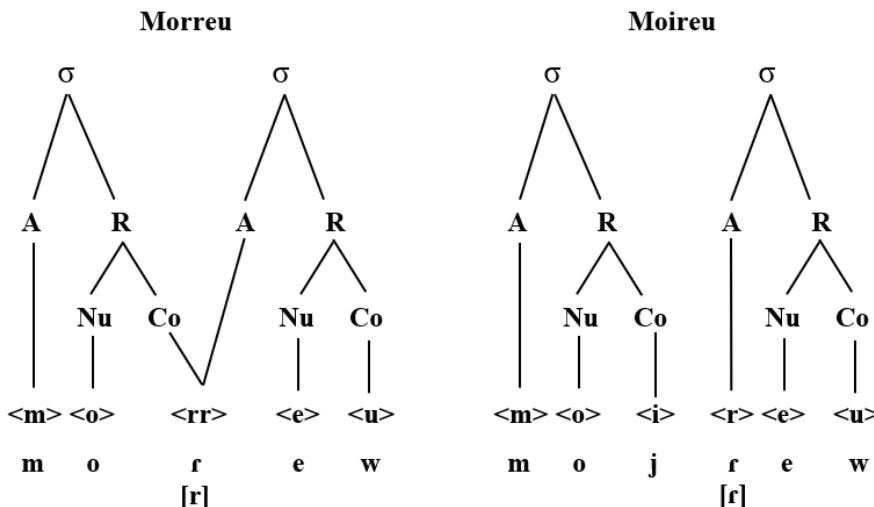
Dessa maneira, considerar que a rótica dupla intervocálica é um elemento geminado é a única possibilidade capaz de explicar esse tipo de variação encontrado, pois o encadeamento de dois sons diferentes (uma vogal *i/y* somada a uma consoante grafada como <r>) se equivale em peso (uma mora na coda) e em função a uma rótica representada como dupla.

Tal constatação não advoga que, necessariamente, existisse apenas um som rótico no PA trovadoresco. O que essa interpretação revela é que, mesmo que existissem dois sons róticos na época em questão, o tepe e a vibrante múltipla (como há ainda hoje no português europeu), eles não estavam em oposição fonológica e consistiam na produção de um mesmo fonema da língua. Essa hipótese foi postulada para o PB e para o Português Europeu (PE) por Câmara Jr. (1953) e simboliza uma continuação ao sistema latino, em que havia apenas um fonema rótico, que podia ou não ser geminado.

Para ilustrar o exposto, apresentaremos o exemplo (1), que demonstra que, como *morreu* e *moireu/moyreu* são variações da mesma palavra, o peso silábico é igual nos dois termos. Logo, para que haja equivalência entre as variantes, <rr> se reparte, passando a ocupar dois ambientes, simultaneamente, um na coda e um no ataque da sílaba seguinte.

<sup>10</sup> Neste estudo, assumimos Zucarelli (2002) acerca da configuração dos ditongos do PA. Segundo tal pesquisadora, o núcleo do português medieval apresenta apenas um local de ancoragem, ou seja, a semivogal do ditongo preenche a coda da sílaba, comportando-se como uma consoante que trava a sílaba.

(1)<sup>11</sup>



Acerca do segundo tipo de variação (RR-LR), foi localizado um único dado nas cantigas analisadas: a variação *carreira/calreyra*. Esse caso também simboliza um argumento a favor da geminação da consoante rótica dupla intervocálica do PA, porque revela que, no desdobramento de uma geminada em duas partes, ou, no movimento contrário, quando acontece a união de dois segmentos em uma geminada, o processo conhecido como alongamento compensatório se mostra de grande importância.

Em um processo fonológico, quando um elemento, que está associado a uma mora, sofre apagamento, a mora se mantém e passa a outro segmento. Desse modo, no termo *calreyra*, caso /l/ seja suprimido, a mora ligada a esse som (que apresenta uma mora em razão de estar na coda) permanecerá e será vinculada a consoante seguinte, no caso, à rótica <r>, que se torna longa ou geminada. Como se vê, o peso silábico se conserva constante, embora os segmentos possam ser substituídos por outros por diferentes motivos. Logo, o alongamento compensatório é um mecanismo capaz de compensar o desaparecimento de segmentos de uma dada palavra.

Assim como ocorre com a variação RR-IR-YR, em *calreyra*, o segmento lateral <l> está na mesma posição que o primeiro <r> da rótica dupla de *carreira*, ou seja, ocupa o ambiente de coda da primeira sílaba do vocábulo, tornando-a pesada, com rima ramificada. Assim sendo, os grafemas <rr> e <lr> apresentam uma mesma duração.

Por fim, no que se refere ao terceiro tipo de variação (SR-RR), também se tem, nas

<sup>11</sup> Olhando o referido exemplo de cima para baixo, temos: o símbolo σ se refere à “sílaba”; já as letras A e R dizem respeito ao “ataque” e à “rima”. A “rima” da sílaba se reparte em “núcleo” (Nu) e “coda” (Co). Nesse caso, /morew/ e /mojrew/ consistem na representação fonológica da palavra “morreu”. Em seguida, os símbolos <> retratam que se trata da representação ortográfica do termo.

obras investigadas, apenas um caso: a variação *Israel/Irrael*. No referido caso, a desassociação de <s> deu origem a uma rótica dupla por meio do processo de alongamento compensatório. A fricativa <s>, da primeira sílaba de *Israel*, encontra-se na coda e, por isso, carrega uma mora. Seu apagamento não acarreta, entretanto, o desaparecimento da unidade de peso, que é mantida e associada a um outro segmento. Como já pontuamos, quando um elemento é apagado em razão da aplicação de regras fonológicas, sua duração é preservada e se vincula a outro *slot* que está no entorno. Assim sendo, em *Irrael*, a supressão da fricativa <s> gerou o alongamento da rótica, que incorporou a mora da coda anterior e passou a ser dupla ou geminada. Portanto, o aumento temporal da rótica, que passou de simples para dupla, compensou a omissão de <s>.

Os dados de variação retratados com relação às róticas duplas permitem concluir que tal consoante podia ser considerada como geminada, na posição intervocálica, no nível fonológico, no PA. Esse segmento, como demonstram os casos analisados, apresenta uma duração maior do que seu correspondente simples *r*, valendo por dois. Além disso, não foram localizados ditongos antes de <rr>, o que favorece essa interpretação. Logo, no PA, assumimos a existência de apenas um fonema rótico com duas variantes, uma simples (que podia ser escrita como <r> e <rr><sup>12</sup>) e uma geminada, em contexto intervocálico, representada na escrita como <rr>.

Em relação às laterais duplas do português dos trovadores, é importante ressaltar que os segmentos em questão não ocorrem exclusivamente no contexto intervocálico, visto que podem aparecer depois de sílabas travadas por consoante e no começo da palavra<sup>13</sup>.

Assim como em relação às róticas duplas, não foram encontrados dados em que ditongos integravam a sílaba anterior à lateral <ll/lh> e à nasal <nn/nh>, fato que favorece a consideração da geminação dessas consoantes da língua medieval, porque, para ser uma geminada, a coda da sílaba anterior ao segmento duplo precisa, obrigatoriamente, estar vazia para poder abrigar parte desse elemento complexo.

Outro forte argumento a favor da geminação da lateral dupla – comprovado também em relação às róticas e às nasais duplas – é o fato de que não foram localizadas proparoxítonas com tais segmentos duplos. Massini-Cagliari (2015) pontua que a língua arcaica era sensível ao peso das sílabas para a localização do acento tônico. Assim, sílabas

<sup>12</sup> Em decorrência da natureza sucinta deste trabalho, as estudiosas optaram por não apresentar uma análise dos casos em que <rr> não pode ser considerado como um segmento geminado, mas, de forma geral, tais consoantes ocorrem em contextos que não o intervocálico, como início de palavra e após sílaba travada por elemento consonantal. Para informações mais detalhadas a esse respeito, consultar Barreto (2019, 2023).

<sup>13</sup> Para uma análise dos referidos casos, ler Barreto (2023).

pesadas localizadas na última ou na penúltima sílaba da palavra atraem para si o acento principal.

Dessa maneira, a ausência de proparoxítonas com róticas, laterais e nasais duplas reforça a hipótese de geminação dessas consoantes, do ponto de vista fonológico, porque a presença de uma consoante do tipo geminada no interior do vocábulo impede que o acento retroceda para a antepenúltima sílaba.

Para exemplificar, podemos pensar nas palavras *bezero*, *parella* e *Espanna*. As três têm uma consoante duplicada na última sílaba (gráfica) e são paroxítonas em PA. Ao assumirmos que *rr*, *ll/lh* e *nn/nh* são elementos geminados, temos que a presença dos elementos duplos em foco fez com que a última sílaba das palavras estudadas fosse leve (**CV**), com uma única mora (*ro; la; na*), o que, de acordo com Massini-Cagliari (2015), é um fator decisivo para a atribuição do acento na língua dos trovadores. Ademais, as palavras aqui focalizadas seguem um dos padrões canônicos do PA, que, conforme as análises empreendidas por Massini-Cagliari (1999, 2015), consiste em paroxítonas terminadas em sílaba leve.

Assim, sendo *rr*, *ll/lh* e *nn/nh* segmentos geminados, a penúltima sílaba das palavras em questão são pesadas, com coda preenchida (*be-zer-ro*, *pa-rel-la* e *Es-pan-na*) e, em razão disso, não pode ser *pulada*, ou seja, o acento não pode figurar na antepenúltima sílaba. Como se vê, a existência das consoantes geminadas impede que o acento esteja na primeira sílaba (*be; pa; Es*), posto que seria preciso *pular* uma sílaba pesada para conseguir dar origem a uma proparoxítona, o que é irregular, em termos acentuais, na língua dos trovadores.

Sendo assim, ao assumirmos que tais segmentos são geminados, no nível fonológico, na etapa arcaica, explica-se a inexistência de proparoxítonas com róticas, laterais e nasais dobradas no começo da última ou da penúltima sílaba da palavra no PA.

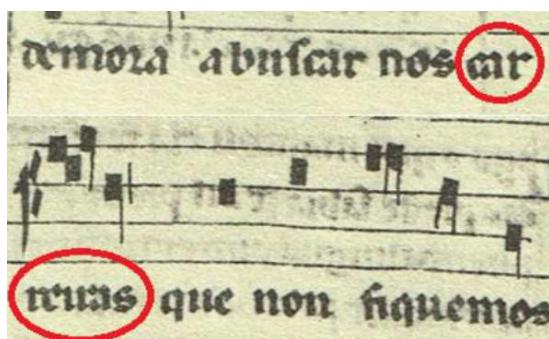
Além da ausência de ditongos antes de segmentos róticos, laterais e nasais duplos no PA e de proparoxítonas com essas consoantes no início da última ou penúltima sílaba, a divisão das sílabas de alguns termos nos cancioneiros consiste em um outro argumento relevante a favor da geminação intervocálica das referidas consoantes dobradas naquele período.

Nos fac-símiles analisados, foram encontrados registros de ocorrências em que o próprio responsável pela cópia do documento grafou <*rr*>, <*nn/nh*> e <*ll/lh*> de forma separada, isto é, retratou uma parte do elemento na posição de coda da sílaba precedente e uma parte no ambiente de ataque da sílaba seguinte. Esse tipo de dado foi encontrado

no interior da palavra entre vogais e na junção de vocábulos em contexto intervocálico. Ademais, foram localizados dados em mais de um cancioneiro, ou seja, há ocorrências nas CSM e nas cantigas profanas.

Como são muitos exemplos, optamos por apresentar somente um de cada para ilustrar o exposto. Para expressar a diversidade de códices nos quais os dados de separação silábica foram encontrados, apresentamos casos de cancioneiros diferentes.

**Figura 4** – Dado *car reiras* – Trecho da CSM 71



Fonte: Edição fac-similada do código Escorial Músicos, editada por Anglés (1964, p. 89v).

**Figura 5** – Dado *consel achar* – Trecho da cantiga *Muitas vezes em meu cuidar*, de João Soares Somesso



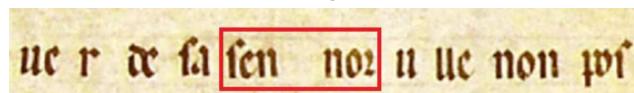
Fonte: Edição fac-similada do código da Biblioteca da Ajuda (1994, p. 16).

**Figura 6** – Dado *maravil la* – Trecho da CSM 27



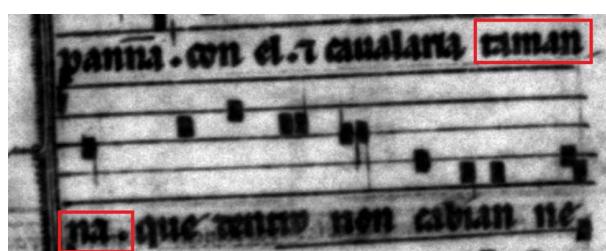
Fonte: Edição fac-similada do código Escorial Músicos, editada por Anglés (1964, p. 51v).

**Figura 7** – Dado *sen nor* – Trecho da cantiga *Nom soube que x'era pesar*, de Vasco Gil



Fonte: Edição fac-similada do códice da Biblioteca da Ajuda (1994, p. 155).

**Figura 8** – Dado *taman na* – Trecho da CSM 69

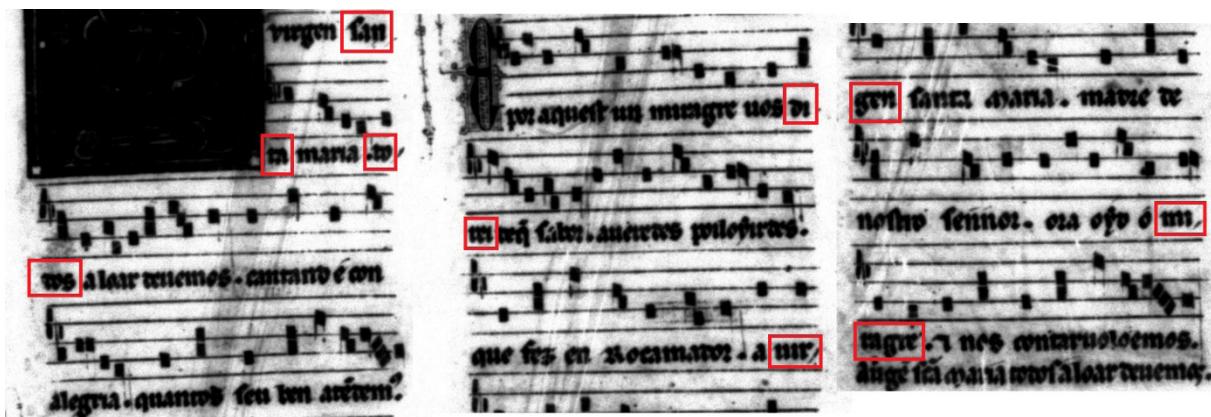


Fonte: Microfilme do códice Escorial Rico, cedido pela Biblioteca do Mosteiro de El Escorial. Este microfilme pertence ao grupo de pesquisa “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro”.

Como se vê, os dados localizados ocorreram em final de verso e em meio de verso. Além disso, todos os casos situam-se na parte inicial da cantiga, espaço destinado às notações musicais das composições poéticas<sup>14</sup>. As figuras 4 a 8 evidenciam que o escriba, provavelmente, desejava destacar na escrita que o segmento duplo ocupava duas sílabas diferentes. É importante ressaltar que os escribas daquela época tinham uma intuição bastante apurada em relação à silabação das palavras da língua, pois segmentavam os termos para encaixá-los nos versos e nas músicas. Em análises realizadas ao longo dos anos, as pesquisadoras averiguaram que a separação das sílabas empreendida pelos escribas seguia, como regra geral, a unidade silábica. Não era comum, assim sendo, uma divisão que separasse, por exemplo, ataque e núcleo ou núcleo e coda. Na figura 9, apresentamos um trecho da CSM 61 em que o escriba segmentou algumas palavras em contexto de final de linha.

<sup>14</sup> Cabe expor que o CA, embora apresente um local reservado para a notação musical, nunca chegou a receber tais inscrições. Conforme Massini-Cagliari (2007), esse códice é incompleto em vários sentidos, pois, além da ausência das notações musicais, a decoração, as rubricas e as miniaturas não foram terminadas.

Figura 9 – Exemplos de separação silábica – Trecho da CSM 8<sup>15</sup>



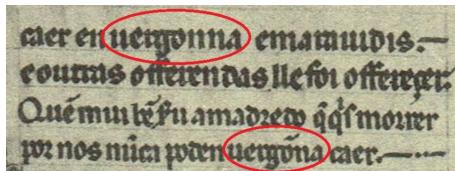
Fonte: Microfilme do códice Escorial Rico, cedido pela Biblioteca do Mosteiro de El Escorial. Este microfilme pertence ao grupo de pesquisa “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro”.

Os dados de segmentação gráfica das róticas, laterais e nasais duplas, logo, mostram que os escribas do PA, muito possivelmente, entendiam essas consoantes dobradas como compostas por duas unidades de tempo. É claro que não é possível descartar a possibilidade das segmentações dos elementos duplos serem resultado de práticas de escrita usadas pelos escribas nos *scriptoria* daquele período, lugares em que esses trabalhadores compartilhavam conhecimentos sobre o PA medieval e interagiam entre si durante a elaboração dos códices arcaicos, no entanto, tendo em vista a quantidade de dados encontrados e o fato de que eles figuram em cantigas e em códices diferentes (o que revela que tais vocábulos foram redigidos por mais de uma pessoa e em períodos distintos), defendemos que os dados são fortes indícios a favor da geminação das róticas, laterais e nasais duplas do PA.

Para além das evidências pontuadas até aqui, foram encontrados nas obras trovadorescas casos de uma variação que ocorreu especificamente com as nasais dobradas e que compreendem mais um indício a favor da interpretação desses segmentos como geminados no nível fonológico da língua. Essa variação consiste na representação gráfica da nasal *nn* como *til + n* e de *nh* como *til + h*. Esses casos apareceram dentro da mesma cantiga em versos diferentes e no mesmo verso de uma cantiga, mas em códices diferentes. A seguir, exibimos um exemplo de *til + n* e de *til + h* para exemplificar o exposto.

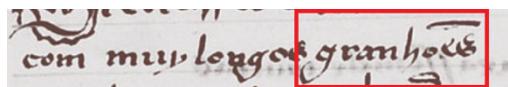
<sup>15</sup> Palavras em destaque: *santa*, *todos*, *direi*, *virgen* (*virgem*) e *mungre* (*milagre*).

**Figura 10** – Dados *vergonna* e *vergôna* – Trecho da CSM 63



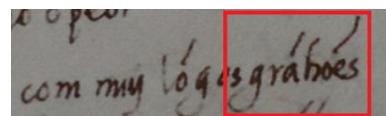
Fonte: Edição fac-similada do código Escorial Músicos, editada por Anglés (1964, p. 82r).

**Figura 11** – Dado *granhões* – Trecho da cantiga *O genete*, de Afonso X<sup>16</sup>



Fonte: Edição fac-similada do código da Biblioteca Nacional de Lisboa – Colocci-Brancuti (1982, p. 491).

**Figura 12** – Dado *grãhões* – Trecho da cantiga *O genete*, de Afonso X



Fonte: Edição fac-similada do Cancioneiro Português da Biblioteca Vaticana (1973, p. 74).

O til é um assunto muito complexo nas cantigas arcaicas. Por apresentar várias funções<sup>17</sup> diferentes, a dúvida que se apresenta é: o que a marca de til está simbolizando? Seria uma marca de abreviação ou de nasalização? Massini-Cagliari (2015) explica que há duas hipóteses acerca do referido tema: a primeira é radical, visto que defende que toda ocorrência de til é uma marca de abreviação; a segunda é menos radical, pois entende que, quando o til está sobre vogais, a marca consiste em um sinal de nasalização. Neste estudo, nos filiamos à segunda hipótese.

Ainda segundo Massini-Cagliari (2015), em um modelo derivacional, é possível assumir a nasalização como um traço flutuante nos casos de alocação de til sobre vogais, já que pode se realizar como ataque quando essa posição não estiver previamente preenchida (como em *bôa* > *bo.na*) ou como nasalização da vogal (pelo espriamento do traço nasal sobre a vogal). Massini-Cagliari (2015) pontua que a melhor realização da nasal

<sup>16</sup> *Granhões/grannões*: quer dizer barba (Mettmann, 1972, p. 157).

<sup>17</sup> Acerca das funções do til nos documentos do medievo, consultar Massini-Cagliari (1998).

seria em contexto de ataque e não como traço nasal da vogal, entretanto, conforme os dizeres da pesquisadora, a nasalização se realizaria no ataque quando esse contexto estivesse livre ou vazio. Mas e quando o ataque está preenchido, como em *vergōna* e *grāhōes*?

Em relação à posição de ataque do PA, Massini-Cagliari (2015) destaca que, a exemplo do que se tinha no latim e do que acontece ainda hoje no PB, somente /p, b, t, d, k, g, f, v/ podem aparecer na primeira posição do ataque. No segundo contexto, ou seja, quando se tem um ataque ramificado, apenas consoantes líquidas /l, r/ são permitidas.

Dessa maneira, podemos entender que casos como *vergōna* e *grāhōes* representam casos em que a nasal <n> foi “trocada” pelo til na representação gráfica, que passou a aparecer sobre a vogal anterior à consoante, preservando seu traço nasal. Em razão da configuração do ataque da sílaba da língua arcaica, a nasalização não pode se realizar nesse ambiente, pois já se encontra ocupado por *n* (*vergōna*) e por *h* (*grāhōes*). Então, o traço nasal só pode se realizar no contexto que antecede o ataque, isto é, na coda da sílaba anterior.

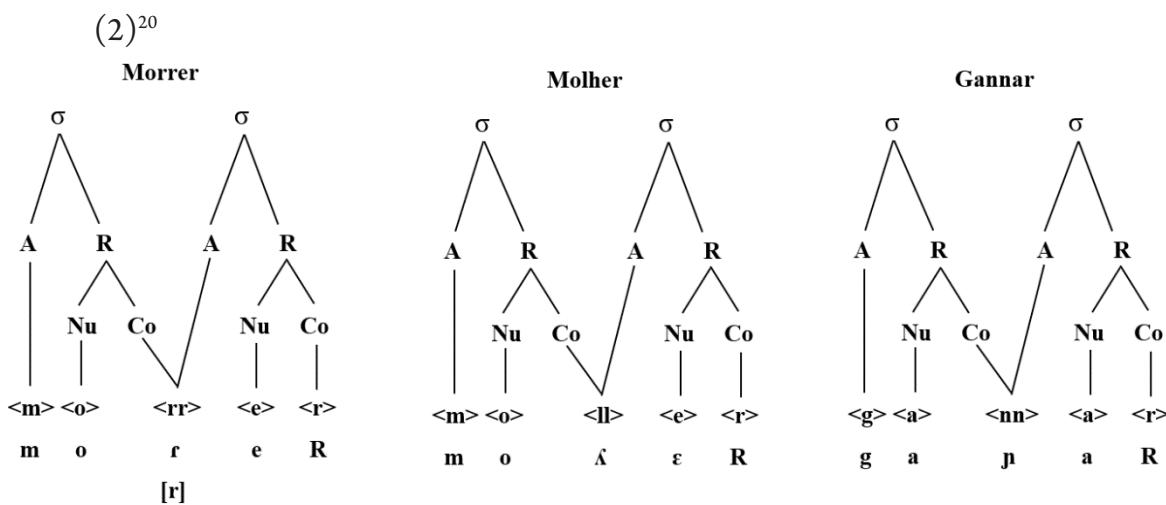
Tais dados, muito frequentes no *corpus*, revelam que os escribas do PA viam *nn/nh* como uma consoante que vale por duas. As ocorrências investigadas evidenciam que tal segmento era entendido como duplo em sua estrutura, pois, mesmo quando os escribas não grafavam <nn/nh> nos cancioneiros, registravam tal elemento como a soma de duas unidades (til + *n* ou til + *h*). A variação em questão, como mostrado, também é um importante argumento a favor da existência da geminação da nasal dupla intervocálica do PA.

Ainda acerca das nasais *nn/nh*, convém observar que tal configuração complexa também pode ser verificada no português brasileiro, uma vez que, dos segmentos nasais ([m, n, j, ɲ]) do PB, [j] é o único que, com relação ao lugar de articulação, caracteriza-se como sendo, ao mesmo tempo, coronal e dorsal (Cagliari, 1998). Então, enquanto [m] é [+ labial], [n] é [+ coronal] e [j] é [+ dorsal], /ɲ/ é simultaneamente [+ coronal] e [+ dorsal], o que retrata que tal consoante porta uma complexidade articulatória que já tinha sido notada pelos escribas do PA.

Como se vê, os dados de variação gráfica localizados nos fac-símiles medievais retratam que a consideração da existência da geminação é a que melhor explica a natureza das consoantes róticas, laterais e nasais duplas do PA. Por meio das ocorrências analisadas, entendemos que na época arcaica tais elementos podiam ser interpretados, fonologicamente, como geminados. Para o PB atual, Wetzels (2000, p. 6) admite a geminação dessas mesmas consoantes dobradas. De acordo com o pesquisador, além das róticas *rr*, as laterais e as nasais duplas devem ser vistas como geminadas no nível fonológico, tendo em vista que:

as soantes palatais /ñ<sup>18</sup>, ñ/ do Português Brasileiro (PB) se comportam, sob muitos aspectos, diferentemente das soantes não palatais. Em se tratando da nasalização da vogal precedente, a nasal-palatal se comporta como se fosse uma consoante na coda, embora ela ocorra exclusivamente em posição intervocálica. Acrescentado a isso, as sílabas que precedem uma soante palatal são sempre leves, como pode ser observado não só na completa ausência de rimas pesadas precedendo uma soante palatal intervocálica, como também no algoritmo de silabificação, que cria hiato no caso de seqüências de Vogal + Vogal Alta que precedem /ñ, ñ/ (*moinho*, *faiúla*), enquanto antes de /m, n, r, l/, os ditongos decrescentes surgem obrigatoriamente (*queima*, *baila*). Além disso, se uma soante palatal ocorre como *onset* de uma sílaba em final de palavra, como em *alcunha*, o acento da palavra nunca cai na antepenúltima sílaba, embora o acento proparoxítono seja um padrão possível no PB.

Nossa análise mostra que as consoantes duplas em questão, em PA, apresentam o mesmo comportamento descrito pelo autor para o PB. Assim, nos filiamos ao estudioso ao defendermos que, na época arcaica do português, as consoantes róticas, laterais e nasais duplas, representadas na escrita como <rr>, <nn/nh>, <ll/lh>, podiam ser interpretadas como geminadas, uma vez que eram segmentos que valiam por dois e preenchiam, simultaneamente, coda e ataque na estrutura silábica, isto é, tinham uma duração maior se comparados às correspondentes simples. Portanto, sendo consoantes do tipo geminada, os moldes silábicos que melhor representam tais elementos são os retratados em (2)<sup>19</sup>:



<sup>18</sup> Símbolo usado pelo autor para [ñ].

<sup>19</sup> Apesar de a geminada travar a penúltima sílaba nos exemplos em (2), o padrão acentual das palavras observadas é oxítono, por apresentarem todas elas uma sílaba travada por rótica, na posição final de palavra.

<sup>20</sup> Moldes silábicos das palavras morrer, mulher e ganhar da língua portuguesa moderna. No exemplo (2), /moreR/, /moləR/ e /ganaR/ consistem na representação fonológica dos termos em questão.

## **Considerações finais**

Os dados de variações gráficas analisados mostraram que os resultados alcançados nesta pesquisa foram relevantes para estabelecer o estatuto fonológico das consoantes róticas, laterais e nasais duplas do momento trovadoresco da língua portuguesa. Por meio da análise das edições fac-similadas das 250 cantigas arcaicas que compõem o nosso *corpus*, foi possível concluir que essas três consoantes dobradas apresentavam o mesmo comportamento fonológico naquela fase da língua e podem ser interpretadas como geminadas, no nível fonológico, quando se situam no ambiente intervocálico, já que preenchiam duas posições na estrutura interna da sílaba do PA e apresentavam uma duração maior do que suas correspondentes simples *r*, *l* e *n*.

Com relação às três consoantes dobradas, não foram localizados dados de ditongos antes de tais segmentos nem palavras proparoxítonas com <rr>, <ll/lh> e <nn/nh> no ataque da última ou da penúltima sílaba. Essas descobertas contribuem para nossa interpretação, posto que, como demonstramos ao longo desta análise, para se ter uma consoante geminada, é preciso que a coda da sílaba anterior ao segmento duplo seja aberta, ou seja, leve, sem rima ramificada, para que o ambiente de coda da sílaba antecedente possa abrigar parte da geminada, que, por ser complexa, comprehende um elemento que vale por dois (Perlmutter, 1995).

A finalidade deste artigo, para além de divulgar as descobertas encontradas nas cantigas, o potencial desses documentos para a realização de pesquisas acerca da história do português e a importância dos documentos remanescentes do PA, consiste em evidenciar que essas reflexões apenas foram possíveis por meio das teorias fonológicas não-lineares, que estabeleceram que o peso das sílabas e a estrutura das consoantes (que podem ser vistas como simples ou geminadas) dependem da distribuição dos segmentos no constituinte silábico. Ao mesmo tempo, as considerações também partiram da comparação dos dados em edições críticas e fac-similadas, em direção ao desejado equilíbrio (já ensinado por Ataliba Teixeira de Castilho) entre tradição e inovação nos estudos históricos.

## **Agradecimentos**

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Processo: 2022/09590-4) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Processo: 304657/2023-9) por viabilizarem a realização deste artigo.

## Referências

- AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa María*: edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galaxia, 2003.
- ANGLÉS, H. *La música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el sabio*: fac-símil, transcripción y estudio critico por Higinio Anglés. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona; Biblioteca Central; Publicaciones de la Sección de Música, 1964.
- BAGNO, M. Norma lingüística & preconceito social: questões de terminologia. *Veredas*. Juiz de Fora, v. 5, p. 71-83, ju./dez. 2003.
- BARRETO, D. A. R. J. *Estudo das consoantes róticas nas cantigas medievais galego-portuguesas*. Araraquara, 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – FCL/UNESP.
- BARRETO, D. A. R. J. *Análise do comportamento fonológico das consoantes líquidas do português dos trovadores*. Araraquara, 2023. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – FCL/UNESP.
- CAGLIARI, L. C. *Fonologia do Português - Análise pela Geometria de Traços*. 2<sup>a</sup> ed. revista. Campinas: edição do autor, 1998.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1953.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 15<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1985. [1<sup>a</sup> ed. 1970]
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CASTILHO, A. T. de. *Gramática do Português Falado. Volume 1: A Ordem*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- CASTILHO, A. T. de. *História do Português Brasileiro: O Português Brasileiro em seu contexto histórico*. São Paulo: Editora Contexto / Fapesp, 2018.
- CANCIONEIRO Português da Biblioteca Vaticana (Cód. 4803): Reprodução fac-similada com introdução de L. F. Lindley Cintra. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, Instituto de Alta Cultura, 1973.

CANCIONEIRO da Biblioteca Nacional (*Colocci-Branuti*): Cód. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.

CANCIONEIRO da Ajuda: Edição fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda. Lisboa: Edições Távola Redonda, 1994.

CEDEÑO, R. A. N.; MORALES-FRONT, A. *Fonología generativa contemporánea de la lengua española*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1999.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. rev. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 101-129.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FIORAVANTI, C. Ataliba Teixeira de Castilho: o linguista libertário. *Revista Fapesp*. Edição 259. Setembro/2017. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ataliba-teixeira-de-castilho-o-linguista-libertario/>.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental Phonology*. Cambridge, MA, 1976. Tese (Doutorado em Linguística) – Cambridge.

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental & metrical phonology*. Oxford: Blackwell, 1990.

HALLE, M. Addendum to Prince's "Metrical Forms". In: KIPARSKY, P.; YOUNMANS, G. (Orgs.). *Phonetics and Phonology*. Nova York: Academic Press, 1989, p. 81-86, V. 1: Rhythm and Meter.

HAYES, B. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, P.; YOUNMANS, G. (Orgs.). *Phonetics and Phonology*. Nova York: Academic Press, 1989, p. 201-260, V. 1: Rhythm and Meter.

HAYES, B. *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Chicago: The University Of Chicago Press, 1995.

HOGG, R.; McCULLY, C. B. *Metrical phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HORA, D.; BATTISTI, E.; MONARETTO, V. O. (Coord.) *História do Português Brasileiro: Mudança fônica do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.

HYMAN, L. M. *Phonology: theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

LEÃO, Â. V. Questões de linguagem nas *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X. *Ensaios: Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)*. 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10371/0>. Acesso em: 09 jul. 2024.

LEÃO, Â. V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio. Aspectos culturais literários*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

LOPES, G. V.; FERREIRA, M. P. et al. (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MASSINI-CAGLIARI, G. Escrita do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*: fonética ou ortográfica? In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 2, 1998, p. 159-178.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses. Fontes, edições e estrutura*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. Inovação Científica em Estudos Medievais: Descobrindo os sons do Português Arcaico. *Revista da Anpoll*. Vol. 1, nº 34, p. 17-50, Florianópolis, Jan./Jun. 2013.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: desvendando a prosódia medieval*. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2015.

MASSINI-CAGLIARI, G. Acentos em nomes. In: da HORA, D.; BATTISTI, E.; MONARETTO, V. O. (Coord.) *História do Português Brasileiro: Mudança fônica do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 198-225.

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v.IV: Glossário.

METTMANN, W. (Org.). *Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986.

MONGELLI, L. M. *Fremosos cantares*: Antología da lírica medieval galego-portuguesa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

PARKINSON, S. As *Cantigas de Santa María*: estado das cuestiós textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, p. 179-205, 1998.

PERLMUTTER, D. Phonological Quantity and Multiple Association. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford, UK: Blackwell, 1995, p. 307-317.

PRINCE, A. S. Metrical Forms. In: KIPARSKY, P.; YOUNMANS, G. (Orgs.). *Phonetics and Phonology*. Nova York: Academic Press, 1989, p. 45-80, V. 1: Rhythm and Meter.

WETZELS , E. The Syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (Org.). *The structure of phonological representations (part. II)*. Dordrecht: Foris, 1982, p. 337-383.

WETZELS, W. L. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, 2000, p. 5-15, jul./dez.

ZUCARELLI, F. E. *Ditongos e hiatos nas cantigas medievais galego-portuguesas*. Araraquara, 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – FCL/UNESP.

